

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME II-III*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
1960-61

de terra, no condado de Gloucester, e que, até agora, não têm prendido a atenção dos arqueólogos, e num quadro da vida material dos Dobunni. A autora foi sobretudo a descobridora e escavadora do lugar; arqueóloga-amadora, julgou-se incapaz de interpretar convenientemente os resultados da sua própria escavação, e, modestamente, solicitou a colaboração de alguns «amigos e colegas».

Bagendon merece ser escavado mais extensamente; e só a escavação futura, conjugada com a exploração de Cirencester, permitirá resolver o problema da data em que o oppidum foi abandonado. Hawkes sugere que a oppidum foi substituído pela cidade de Cirencester pouco tempo depois da Conquista, dada a ausência ou raridade de material posterior; mas o facto de Bodvoc, rei residente em Bagendon, ter sido tratado como aliado e de em Cirencester se ter estabelecido uma guarnição militar (C.I.L. VIII, 66 e 68) leva-nos a perguntar se a transferência da capital tribal de Bagendon para Cirencester se não terá efectivado apenas quando a guarnição foi transferida e o estatuto político dos Dobunni modificado. O estatuto dos Icenii só foi revisto depois da morte do rei Prasutugus, e o oppidum de Prae-Wood só desceu para Verulamium depois de este lugar ter sido abandonado pela guarnição que ali se estabeleceu logo após a Conquista.

J. ALARCÃO

PIERRE CINTAS, *Céramique Punique*. (Publications de l'Institut des Hautes Études de Tunis, vol. 111). Paris, Librairie C. Klincksieck, 1950. 1 vol., de 685 pp. com um Catálogo, contendo 1 Atlas de LXV estampas preenchidas por cerca de 608 desenhos, 3 tábuas de formas, 52 figuras no texto e LXVI-CII estampas relativas a vasos púnicos. Um «hors texte» com a fotografia de William Marçais, a quem o livro é dedicado.

Embora seja sobejamente conhecida pelos arqueólogos a obra de Pierre Cintas, cumpre-me salientar, nesta despretençiosa nota de leitura, algumas impressões colhidas através da consulta de «Céramique Punique», pois que, pelo seu conteúdo, marca uma etapa decisiva não só em relação à arqueologia púnica, mas a toda a investigação arqueológica. O Autor contribuiu assim, servindo-se de novos materiais de estudo, e dum método de trabalho apreciável, para um melhor conhecimento da civilização púnica. Sente-se, através desta obra, um rigor científico conduzido aos limites mais extremos da minúcia, especialmente quando se percorre, das páginas 41 a 328 o Catálogo das formas (consta de três partes: um quadro geral das proveniências dos vasos, e um atlas de formas apresentadas esquemáticamente), ou quando se examinam as notas relativas às densidades dos vasos (págs. 381-402) ou ao seu poder de absorção (págs. 403-405). Porém, o ideal científico de Pierre Cintas afirma-se mais nitidamente quando entra em contacto com as investigações

de Thellier, Rivière e Guillot. Este apelar para o especialista, para o técnico, não traduz uma submissão do arqueólogo mas sim uma reciprocidade de perguntas e respostas através das quais ele se esclarece junto do químico ou do físico, respondendo também às suas investigações. Assim, nas págs. 408-420 encontramos os resultados do estudo petrográfico da cerâmica púnica levado a efeito no laboratório de Geologia da Sorbonne pelo Prof. Rivière, nas págs. 421-433, os resultados geomagnéticos apresentados pelo Prof. Thellier que estudou vinte e oito vasos dos examinados por Rivière, embora as teorias geomagnéticas e os seus métodos de investigação não estejam ainda vulgarizados; nas págs. 434-441, o exame espectrográfico realizado pelo Prof. Guillot. Deste modo, o processo de avaliar com rigor as propriedades físico-químicas dos vasos cartagineses marca um método de trabalho válido para outros domínios que não sejam apenas o da cerâmica púnica.

Nas suas linhas gerais, «Ceramique Punique» consta dumas breves considerações preliminares, precedidas de quatro extensos capítulos.

O primeiro, sob o título de «Generalidades», trata da dispersão da cerâmica púnica no tempo e no espaço e das técnicas empregadas; o segundo, «Características dos vasos púnicos», analisa o aspecto externo: morfologia; e o aspecto interno: caracteres físico-químicos da cerâmica de Cartago (densidade, poder de absorção), e investigações complementares; o terceiro, «Arqueologia», apresenta as semelhanças e origens dos vasos modelados e dos vasos torneados, a cronologia evolutiva (os métodos de datar e os quadros sinópticos), os vasos antigos de Cartago, a evolução das formas e das decorações e os casos particulares (lâmpadas e «Kernos»); o quarto capítulo — «Reflexões» sobre a dispersão da civilização púnica no Mediterrâneo Ocidental segundo a cerâmica ordinária.

Apesar de nesta breve nota de leitura não nos ser possível entrar numa análise pormenorizada da obra, parece-me oportuno notar que na pág. 522, ao falar das primitivas lâmpadas monotubulares, o Autor diz só ter conhecimento de três delas encontradas em Cartago e de uma outra descoberta em Carmona por G. Bonsor. Mostra desconhecer, o que não admira pela pouca divulgação, as três lâmpadas do mesmo tipo provenientes da necrópole de Alcácer do Sal e que figuram na colecção oferecida pelo Professor Doutor Francisco Gentil ao Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.

Outras observações haveria a fazer, mas neste momento apenas temos a salientar o valioso contributo prestado por Pierre Cintas e pelo seu livro «Ceramique Punique» no campo da arqueologia, interessando não só aqueles que se dedicam ao estudo da civilização púnica, mas a todos os arqueólogos em geral. E aos que se interessam pela aplicação de novas técnicas no campo da investigação arqueológica queremos lembrar que têm nesta obra um precioso guia para os seus trabalhos.

MARIA CLAUDETTE ALVES BELCHIOR